

# S i n f o n i a

*Brasas de Sol  
em campos de papoilas  
vermelhas...  
Fecundidade  
brotando em florações sangrentas,  
como sorrisos  
amigos  
de bôcas de amantes  
em comunhão de gôso,  
em delírios  
de instintos  
indomáveis...*

*Não há quietação,  
há movimento,  
vida  
— vida rubra,  
forte,  
alegre  
— bôcas de fornalhas a sorrirem e a suarem;  
esfôrço de motores  
ruidos suaves da engrenagem imensa  
da máquina das máquinas,  
que se tornou amiga do Homem  
que há-de chegar  
em breve!*

*Há uma paisagem nova,  
inédita,  
vermelha  
como os ferros em brasa sôbre as bigornas sonoras  
e os coros do Homem e da Máquina*

*(na apoteose rubra do trabalho  
que freme)  
fizeram harmonias  
de Beethoven  
ha IX Sinfonia.*

*Saem da Escola  
gargalhadas rubras  
de bôcas vermelhas  
de crianças;  
canções  
duma alegria alacre,  
côr das papoilas,  
dos cravos,  
das peonias  
e dos corais  
sangrentos...*

.....  
.....  
.....  
.....  
*E ao fundo imponderável do Horizonte,  
no céu  
embriagado de côr,  
penso ver a fogueira da fornalha sem fim  
em que se está fundindo  
um Universo  
Novo!...*

Julião Ricardo

# d a l i n g u í s t i c a

Entre nós os estudos de linguística não têm tido o desenvolvimento que era para desejar. Quasi tôdas as tentativas neste campo se têm limitado a questões de filologia positivista de que é núcleo central um Meyer Lubke. A filologia de um Vossler é, praticamente, quasi desconhecida, mesmo nas nossas Faculdades. Os filólogos, que salem dos nossos estabelecimentos de ensino superior, «morrem», mal são desamparados das exigências dos mestres; e isto, porque a preparação que lhes ministraram é insuficiente e de curtas vistas. Subordina-se o ensino da linguística a falso critério de valores, e não se vai além da análise dos textos segundo velhos processos. Dêste modo o ensino raras vezes sai do campo da etimologia e da fonética histórica, porque os textos adoptados são, de há dezenas de anos a esta parte, de poesia medieval e prosa jurídica.

Outro esfôrço dos nossos filólogos está na elaboração de glossários, a que não nego a grande utilidade que possuem, mas que constituem simples repositórios de materiais a estudar convenientemente.

Por vezes, aparecem, em raras revistas da especialidade, notas de dialectologia. Mas os processos usados neste trabalho são tão deficientes, que o material apresentado se torna quasi inútil, por não nos poder merecer crédito.

Já que falei em revistas da especialidade—como pomposamente se denominam—registarei atmbém certos consultórios da língua abertos nalguns jornais e que... passam sem comentário. E no entanto tanta coisa por fazer, tanto material por ordenar e rectificar recolhido em tanta revista, como

na «Revista Lusitana» e tanta izeza por explorar na linguagem actual, desde as camadas mais cultas às camadas mais ignorantes.

Quem há, entre nós, que se preocupe com o que poderíamos chamar *processus linguae*?

Quem há, entre mestres, que faça ver ao aluno a gama expressiva de cada uma das palavras e as suas variações consoante o local que ocupam na projecção de frase?

Quem há, entre filólogos ou historiadores, que tenha estudado na base da língua o problema das flutuações nucleares da sociedade em épocas remotas da história?

Quem há, entre investigadores da língua, que tenha descido um pouco dos textos até à linguagem viva e tenha estudado na base da língua os diferentes graus de sociedade de um povo?

Quem há, que tenha descido até às aldeias, não com o intuito de recolher palavras isoladas, canções ou contos e tradições, mas sim com o intuito de verificar até que ponto a sua linguagem é o reflexo da sua vida: da sua actividade, das suas preferências e das suas ambições?

Seriam muitos os *quem há* e fastidiosa a sua enumeração.

Na pesca do «fóssil» vocabular, esquece-se sempre que a linguagem é um fenómeno psíquico, é um fenómeno lógico, é um fenómeno, antes de tudo, fisiológico, e é sobretudo um fenómeno social.

Em números posteriores tentaremos a síntese de algumas destas interrogações.

NOBRE